

O ACADÊMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUDANTES
ANO II — Nº 11 — JUNHO DE 1976 — BLUMENAU — SC. — Cr\$ 1,00

EDGAR ALLAN POE . . . (Pág. 8)

ENTREVISTA

MILTON POMPEU
FALA DO
CAMPUS, DA
UNIVERSIDADE
E DA
ADMINISTRAÇÃO
ATUAL
(Pág. 6 e 7)

* * *

CONHEÇA
O CRÉDITO
EDUCATIVO
(Pág. 10)

* * *

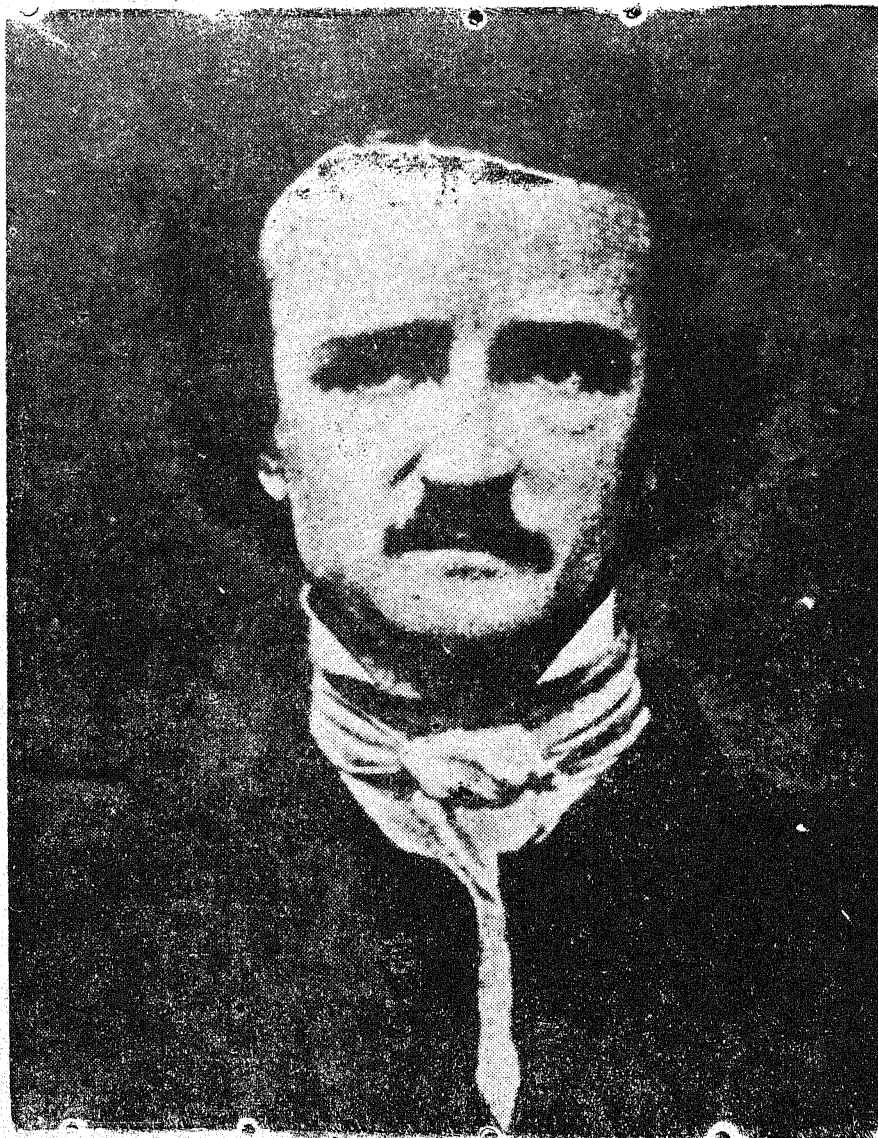
VELHICE

* * *

BLUMENAU
A GARDEN
AMARELA

* * *

INTERCAMBIO
CULTURAL COM
A ALEMANHA
(Pág. 9)



KOISCE'S:

A SOLUÇÃO
DO
ANO
(Pág. 10)

* * *

MÚSICA

* * *

ASSOCIAÇÃO
CATARINENSE
DE ESCRITORES

* * *

SERVIÇO
MILITAR
OBRIGATORIO

* * *

O PÃO DOS
PÁSSAROS

* * *

LITERATURA

* * *

O ENCONTRO
DIALÓGO —
DEBATE
(Pág. 11)

EDITORIAL

O tempo é uma esperança muito preciosa que nos faz, sempre que participamos de um concurso, experimentar a fundo uma impressão, tanto de euforia quanto de dúvida inquietante, a respeito da nossa própria capacidade criativa. Mas marcante. Havíamos conquistado, no sentido estrito do termo — pois que impôs, mesmo, uma confiança significativa em nosso jornalismo, e, com isto, a demonstração do caráter ainda incrivelmente forte e promissor de uma imprensa universitária — a nossa primeira “menção honrosa”.

E O Acadêmico, com a finalidade de enriquecer ainda mais seu intercâmbio inter-informativos, sem deixar de lado fatores exclusivamente pessoais, fez-se presente na pessoa de seu Diretor e redator Oldemar Olsen Jr. e Fred Richter, respectivamente, às 20 horas do dia 30 de abril último passado, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, capital.

Neste local, numa atmosfera de grande simplicidade,

efeito que se constitui mesmo numa das marcas mais intensas da hospitalidade paulistana, a Parker Pen do Brasil fez a entrega dos prêmios e menções honrosas aos vencedores do concurso Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil, ano 1975, entre os quais figuramos.

Assim, a densidade, no sentido cultural e espacial do termo, do objetivo da Parker ao premiar anualmente os melhores informativos e melhores autores nas categorias universitária e colegial, reside exatamente na possibilidade de divulgação ainda maior do nosso jornalismo amador, ao mesmo tempo que proporciona um considerável relacionamento da classe estudantil brasileira.

Outrossim, convém ressaltar, que a existência, hoje, de jornais tão diferentes quanto o Minuano, Entrevista, Jornal de Estudo, Ensaio, O Acadêmico, para citar apenas alguns dos que foram além da crise da imprensa concreta e práxis, demonstra o vigor do jornalismo estudantil no Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

BLUMENAU — (SC) — Senhores

Entre os dias 1º e 5 deste mes, enviei uma carta para Oldemar, o qual ainda não me mandou resposta. Nesta carta, um dos pedidos que eu fazia, era no sentido de saber se haveria possibilidades de se publicar um dos meus trabalhos para o mes de julho. Como já lhes disse, não recebi resposta da primeira carta que lhes enviei, então resolvi mandar já o meu trabalho. Quero que vocês me respondam o mais rápido possível, se haverá ou não possibilidade dele ser publicado. O motivo disso vocês poderão entender, lendo a dedicatória que há logo abaixo do título da poesia. O fato de eu querer que ela seja publicada, é uma promessa que fiz à mim mesma, já faz algum tempo. Espero que vocês possam me ajudar a cumpri-la.

Muito obrigada por terem me dado atenção. Um abraço.

(ANA MARIA BACCA)

Prezada leitora

Sua carta foi respondida prontamente, tão logo a recebemos. Enviamos os números atrasados, bem como, o regulamento do Concurso de Poesias de Florianópolis, conforme V. Sa. solicitou.

Para evitar futuros dissabores, pedimos que as próximas correspondências ao jornal "O ACADEMICO" sejam remetidas diretamente para o nosso endereço: — Caixa Postal 1124 — Blumenau — Santa Catarina (89.100)...

Sua poesia será publicada, ou melhor, já está publicada nesse n°. Agradecemos os trabalhos enviados e estamos ao seu inteiro dispor. A REDAÇÃO.

CAÇADOR — (SC) — Temos o prazer de informar a v. sa. que, que, remos comunicar o recebimento do jornal "O ACADEMICO" do ano I, de abril de 1976.

Por outro lado, vimos cumprimentá-lo pelo mesmo e de muita divulgação para os universitários em geral.

O Diretório Acadêmico "Oswaldo Rodrigues Cabral" está ao seu inteiro dispor.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria os nossos sinceros votos de estima e consideração.

Atenciosamente, (DOMINGOS GUEDIN — Presidente)

(IVANIR MARIA VEIGA — Secretária)

Caros colegas

Agradecemos as palavras benevolentes e aguardamos matéria para o nosso jornal. A REDAÇÃO.

LONDRINA — (PR) — Com satisfação acuso o recebimento desta interessante publicação, regularmente.

Em anexo, envio-lhe alguns recortes da "Filatelia" da FOLHA DE LONDRINA, para sua apreciação, divulgação e arquivo.

Cumpra-me observar que a FOLHA DE LONDRINA é um diário de ampla penetração no Estado do Paraná, assim como em Mato Grosso, tendo uma tiragem de 25.000 exemplares por edição.

A "Filatelia" da FOLHA DE LONDRINA "é publicada aos domingos e, segundo sei, é a primeira e única coluna especializada de página inteira em toda a imprensa brasileira.

Sugerimos aos Amigos para que também "O ACADEMICO" venha a ter uma coluna filatélica, pois o colecionismo de selos postais é excelente meio de aprimoramento cultural.

A "filatelia" da FOLHA DE LONDRINA conchama os seus leitores filatelistas para que escrevam a esta coluna; todas as cartas serão muito apreciadas e merecerão acolhida, com o objetivo de promover a correspondência amistosa.

Grato e mui cordialmente,

(DR. J. J. PULS)

Nobre colega

Nosso jornal ficaria enormemente enriquecido com uma página ou mesmo uma coluna sobre FILATELIA, todavia, tememos que a mesma tenha pouca repercussão entre os universitários (salvo raras exceções)... e, essas exceções serão encaminhadas a V. Sa. e para o jornal FOLHA DE LONDRINA. Tínhamos, dantes, uma coluna de XADREZ, fomos coagidos a suprimi-la devido ao mesmo

problema; o que está resistindo ainda é o CADERNO ESPECIAL, onde publicamos poesias e outras digressões facilmente identificáveis em todo o ser humano. Nosso objetivo é fazer um jornal com matérias e artigos em que um universitário, um colegial, um médico, um advogado possa identificar-se e manifestar seu interesse, o que não aconteceria se fossemos observar todas as críticas e opiniões menos abalizadas de colegas nossos aqui de Blumenau. Prometemos estudar sua sugestão.

Aguardamos correspondências e colaborações. A REDAÇÃO.

CHAPECÓ — (SC) — O. O. J.

Felicito-o pelo seu magnífico jornal, do qual tive o prazer de receber um exemplar,...

Sendo o nosso primeiro exemplar, faço questão de te entregar um, que terá que amadurecer muito, para chegar ao nível do teu. — Abraços (CARLOS A. SOTILI).

Prezado admirador

Foi com enorme prazer que recebi o seu jornal. Esperamos que o mesmo não fique nas primeiras publicações e que o ânimo de vocês permaneça forte, o suficiente para, ante os primeiros problemas manter-se... apesar de tudo e de todos...

Gostaria de fazer uma ressalva, quanto ao nome do jornal:

"PANORAMA ACADEMICO", o nosso jornal já existe há mais de um ano e chama-se: "O ACADEMICO", é uma falta de criatividade, não por falta de talento, porque aí no oeste existe até demais... Mas é um mal começo.

Nós ganhamos a terceira das cinco MENÇÃO HONROSA distribuídas no Brasil (única no estado) em jornalismo universitário e, poderemos afirmar com segurança, NAO FOI A TOA E; TAMBEM, é evidente que admiramos outros jornais e aprendemos muito com eles: OPINIÃO, CRITICA, PASQUIM, O extinto EX, MOVIMENTO, URUBU e outras... Mas, temos nossa personalidade própria e isso nos caracteriza, apesar de tudo. O jornal "O ALIENADO" do Colégio BOM PASTOR, em nível colegial, também ganhou uma MENÇÃO HONROSA da Parker Pen do Brasil como um dos melhores informativos... O tamanho do jornal não importa, o que importa é que os idealizadores do mesmo tenham objetivos, limitem esses objetivos e os alcancem ou tentem, ao menos, alcançá-los. O conteúdo pode variar de acordo com a cultura, assuntos e interesses locais e a circulação do jornal, se é dirigido ou não para determinado público, o que se pretende com a publicação, etc.

Pela aparente agressão, pedimos excusas e estamos ao seu inteiro dispor para qualquer esclarecimento. A REDAÇÃO.

EXPEDIENTE

DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL

Oldemar Olsen Jr.

REDADORES — Maria Odete Onório Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Jaime Monney Kempinski, Afonso Pabst Neto, Sérgio André Zanin, Carlos Alberto Ramos Schmidt, Roberto Diniz Saut, Artêmio Zanon.

COLABORADORES: Carlos E.O. Bastos, Hans Bechl, José Roberto Rodrigues, Wilson Lang, Reni Becker Filho, Silvio Borges, Caleb Zaniz, Inês Mafra, Carlos Adauto Vieira, Abel A. de Souza.

LIVROS**Introdução à Análise Econômica**

Paul A. Samuelson — Volume I e II

Estes dois volumes abordam numa linguagem simples e absorvente um dos assuntos mais discutidos dentro da sociedade contemporânea: a Economia. Preparado cuidadosamente de modo a poder ser usado em todos os cursos que lecionam esta matéria, fornece ao leitor um esboço, no entanto aprofundado, do que seria economia, para que estudá-la, como estudá-la, assim como, dá ênfase especial a problemas da Economia moderna, ou seja, a inflação de custos, o PNB (Produto Nacional Bruto) e várias considerações e críticas aos principais sistemas econômicos correntes.

O autor preocupou-se igualmente em estudar e citar renomados estudiosos em economia, tais como Adam Smith e Karl Marx, o que muito contribuiu para

que esta obra, colocada diante do estudante num formato conveniente, seja uma fonte permanente de pesquisa.
Ed. AGIR — Rio de Janeiro

Livraria Universitária

Rua XV de Novembro, 340, 2º andar, conj. 201, edif.
Londrina — Cx. Postal, 503
BLUMENAU — SANTA CATARINA

Filial em Florianópolis (SC): Rua Visconde de Ouro Preto, nr. 57, sobreloja 4, edif. Visc. de Ouro Preto.

SERVIÇO MILITAR**ADIAMENTO DE INCORPORAÇÃO OU MATRÍCULA**

(Síntese dos Art. 96 e 98 do RLSM)

O adiamento de incorporação e de matrícula constitui o ato de transferência de um conscrito de uma classe para prestar o Serviço Militar com outra classe posterior a sua.

O adiamento de incorporação ou de matrícula poderá ser concedido mediante requerimento dirigido ao Cmt. da RN, onde residir o interessado, ou aos Comandantes de DN e ZAé, nos casos dos preferenciados ou alistados na Marinha ou Aeronáutica, através da CS ou de outros órgãos do Serviço Militar, 30 dias antes do término da seleção.

PODERÃO TER A INCORPORAÇÃO ADIADA:

1. por 1 ou 2 (um ou dois) anos:
 - a) os candidatos à matrícula nas Escolas de Formação de Oficiais da Ativa, desde que matriculados na 1a. ou 2a. série do 2º grau;
 - b) os candidatos à matrícula nas Escolas ou Centros de Formação de Oficiais da Reserva, nas mesmas condições da letra anterior; e
 - c) os que se candidatarem à matrícula em Instituto de Ensino, oficiais ou reconhecidos, destinados à formação de médicos, dentistas, farmacêuticos ou veterinários, desde que aprovados no 2º ano do ensino de 2º grau, à época da seleção de sua classe.
2. por igual tempo ao da duração dos cursos ou até a sua interrupção, os que estiverem matriculados:
 - a) em Instituto de Ensino, devidamente registrado, destinado à formação de sacerdotes e ministros de qualquer religião, ou de membros de ordem religiosa regulares;
 - b) em Cursos de formação de Oficiais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros;
 - c) em Instituto de Ensino, oficiais ou reconhecidos, destinados à formação de médicos, dentistas, farmacêuticos ou veterinários.

Os interessados no adiamento de incorporação ou matrícula, que satisfaçam os itens 1 e 2 acima, deverão dar entrada do requerimento no órgão do Serviço Militar do município de sua residência, até 30 de junho.

Melhores esclarecimentos poderão ser adquiridos nas Unidades Militares ou órgãos do Serviço Militar.

Suavidade,
leveza,
alegria,
liberdade,
e beleza...

MALHAS HERING
Ihe asseguram tudo
isso
com muito amor.

 malhas
Hering

SCRIBA

**APIS**

Projetos: Arquitetônicos
Elétricos
Hidrosanitários.

Venha "criar" conosco.
Rua XV de Novembro 1464
Blumenau.

Mini Mercado**Fiambreria Globo**

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do
Brasil) — Fone, 22-0230

BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO

MÚSICA... SEMPRE MAL ENTENDIDA !

CHICO BUARQUE: Consciente Demais

Existe algo mais hipócrita do que dizer-se feliz por ter a consciência de esperar?

Existe algo mais abominável do que a esperança de um dia melhor e por isso resignar-se a esperar?

E esperar na miséria, e esperar no infortúnio, e esperar na solidão, na poltrona de visão, no parapeito de concreto, nas sombras de um portão...

Mas esperar, sempre na esperança significativa de desculpa para uma decisão final, para algum golpe fatal. Porque sempre existe a esperança.

Talvez, o bilhete pela federal, o aumento salarial, a felicidade de um carnaval ou a morte casual, o filho na barriga da mulher accidental... Ou, alguma coisa mais linda, mais rápida que um trem penseiro, mais inconsequente que um janeiro, mais desejada que um desespero, menos rude que um pedreiro...

Esperar, é assim que nascemos. Nós esperando dentro de alguém na espera. Nós festejando para melhor iludirmos o amargor dessa espera...

Sempre batendo nessa tecla aflita, bendita, infinita, na esperança de algo esperado que já vem, que já vem, que já vem...

CHICO BUARQUE — PEDRO PEDREIRO

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando
Assim pensando o tempo passa
A gente vai ficando pra trás
Esperando, esperando, esperando,
Esperando o sol,
Esperando o trem,
Esperando o aumento

Desde o ano passado para o mês que vem
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem vintém
Pedro pedreiro espera o carnaval
E a sorte grande do bilhete pela federal

Todo mês
Esperando, esperando, esperando.
Esperando o sol,
Esperando o trem,
Esperando o aumento para o mês que vem,

BLUMENAU — SC.

Esperando a festa
Esperando a sorte
E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também
Pedro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro está esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro norte
Pedro não sabe mas talvez no fundo
Espere alguma coisa mais linda que o mundo

Maior que o mar
Mas pra que sonhar
Se dá o desespero de esperar demais
Pedro pedreiro quer voltar atrás
Quer ser pedreiro pobre e nada mais
Sem ficar esperando, esperando, esperando.

Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento para o mês que vem
Esperando um filho prá esperar também
Esperando a festa
Esperando a sorte
Esperando a morte
Esperando o norte
Esperando o dia de esperar ninguém
Esperando enfim nada mais além
Que a esperança aflita, bendita, infinita,
Do apito de um trem.
Pedro pedreiro esperando
Pedro pedreiro esperando
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Que já vem, que já vem, que já vem...

Ser esta uma letra antiga, não a impede de ainda ser poesia.
Ser esta uma letra antiga, não o impede de refletir nas verdades suburbanas que se sente, que são de todos nós.

(M.O.O.O.)



ASSINATURAS — Cr\$ 30,00 anuais
JORNAL "O ACADEMICO"
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº

C E P

Cidade Estado



ACADERNO ESPECIAL

— AS MELHORES MATÉRIAS —

NÃO QUERO APENAS POSSUIR UMA CULTURA. QUERO UMA CULTURA QUE ME POSSUA. (O.O.J.)

Presença

(Maria: eis teu presente de aniversário)

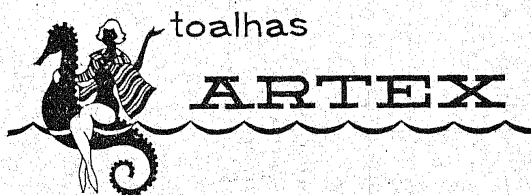
Nas minhas lembranças de criança,
Vejo uma mulher enérgica, que sabia cantar muito bem.
Nas minhas lembranças de adolescente,
Vejo a imagem de amiga, vejo o sorriso que adoro.
No momento presente e vivido,
Eu encontro e compreendo um ser realmente humano.

Possui um olhar que não gosta de tristeza, mas chora;
E esse mesmo olhar quando sorri, sorri uma alegria linda.
(Eu conheço muito bem este olhar).

Sua voz já me falou que não sabe se viver é o mais importante,
Porque tudo vem ao seu encontro e machuca feridas recentes.
Deseja fugir, mas só vê realidade,
Então fatiga seu corpo no trabalho, para não pensar.

Conversa, sorri, é amiga.
O coração, algumas vezes, bate descompassado e contrariado,
Nesse ritual que ela tem a viver.
Ela traz em si estrelas brilhantes atraídas do infinito,
Onde felicidade é lágrima de vida...

(ANA MARIA BACCA)
BLUMENAU — SC.



A moda em toalha

Blumenau - SC

Imponderável

Ouvir no charco o gorjeio
último da ave agonizante

Ouvir na rua o lamento
último da criança contorcida

Pasmar-se da folha pendente
do tronco lenhado precipitar-se

Pasmar-se do corpo asfiziado
no horizonte enevoado debater-se

Chorar o negro marginalizado
ante a sociedade tradicional

Chorar o branco socializado
ante a promiscuidade local

Sentir o vazio dos drogados
e lamentá-los restos jogados

Sentir o vazio dos responsáveis
e lamentá-los restos inúteis

Flagelar a mãe neurotizada
intoxicando-lhe psiquismos estéreis

Flagelar a multidão desgraçada
gargalhando-lhe impostos e misérias

e chorar um mundo sangrado
sepultado em alicerces falidos

e chorar um mundo atormentado
dissolvido nas brumas poluídas

e chorar um mundo mordido
fatigado no tédio das ignomínias

e chorar um mundo triste
sisudo no medo do apocalipse

lamentando o custo de vida e a vida
para não esmolar o cego
e não consolar o mutilado.

DA AUTORA CATARINENSE
(MARIA ODETE O. OLSEN)
Blumenau — SC.

sound center

A MELHOR LOJA DE SOM DA CIDADE.
RUA PAUL HERING, 90 — BLUMENAU — S. C.

Milton Pompeu fala do Campus, da U

Ao realizarmos esta entrevista não tínhamos outros objetivos senão os de esclarecer aos mais novos na universidade, as razões que motivaram a implantação do ensino superior em Blumenau. Para isto, nada mais justo que conversarmos com um dos incansáveis batalhadores pelo ensino, pelos padrões didáticos, pelas condições físicas de espaço e em defesa do "consumidor": o aluno...

O professor MILTON POMPEU foi indagado, através de perguntas dirigidas a falar sobre a fundação da universidade, fazendo um breve histórico; falar sobre o tão propalado "CAMPUS" e, finalmente, tecer alguns comentários particulares, pessoais, enfim, o discorrer sobre aquilo que o momento sugeria...

O ACADEMICO — Como surgiu a idéia de se implantar uma faculdade em Blumenau?

PROF. POMPEU — Blumenau foi a primeira na interiorização do ensino superior, de forma que não podemos dizer que o nosso trabalho foi um trabalho de interiorização a nível de estado; iniciado por volta de 1961-62, quando viemos a residir em Blumenau e começamos a lecionar no Colégio Sto. Antônio. Na ordem religiosa franciscana que teria sido assim, acionada para tomar a iniciativa das coisas de alguma forma, deixou que a iniciativa dos leigos prevalecesse e a um registro que deve ser feito não só a bem da verdade como uma homenagem a um homem que já não está entre nós, mas que, sem dúvida, foi o grande capitão da interiorização do ensino superior em S. C. chamado Martinho Cardoso da Veiga que foi nosso 1º reitor, inclusive Martinho da Veiga foi (eu vou dar um pequeno detalhe, porque talvez ele seja até importante); Martinho foi um dia ao meu escritório pessoal e conversando comigo, disse se eu me dispunha justamente com ele, a pura e simplesmente criar a faculdade. Eu disse que ele podia contar com todo o nosso apoio e nosso concurso. E as coisas se precipitaram. Teve também a Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí, a AIRVI, na época que também precipitava através de campanhas publicitárias, precipitava a instalação de um Instituto de Ensino Superior. Martinho e eu, eramos formados na área de Economia; a tendência natural era que a escola escolhida fosse também de Economia e Economia também, porque nós achávamos que para a região de Blumenau e do Vale do Itajaí, uma área industrial, e economista teria um papel de real importância e também porque do economista nós poderíamos fazer o administrador de empresas, porque o curso de administração de Empresas só estava tendo difusão e condições de estabelecimento nos grandes centros, pois requeriam uma mão de obra especializada em termos de docência. De forma que nós não tínhamos esta condição, daí fazermos um Curso de Economia voltado para a administração de empresas. e muitas cadeiras por exemplo foram criadas com esta finalidade. Mas bem, conseguimos de São Paulo, mais especificamente de Santo André, um modelo de estrutura de uma Faculdade isolada e vieram moças da Secretaria da Educação e Cultura de São Paulo que conosco trabalhavam na elaboração; encontramos em Hercílio Destke muita sensibilidade para o problema (era então prefeito), que colocou a nossa disposição meios materiais para a implantação, tudo isto ocorreu em março de 1964 e já no final do mês de mar-

ço de 1964 tínhamos uma congregação inicial de 6 professores, já tínhamos o trabalho de elaboração de regimento e este trabalho já em vias de ser analisado pelo Conselho Estadual de Educação, como era a primeira Faculdade do interior de Santa Catarina, isto aí ficou fácil, porque o Conselho Estadual de Cultura não tinha nenhuma experiência para julgar ou para ver, de forma que todas as possíveis falhas e que certamente cometermos, foram assim pecados veniais no processo e nós conseguimos a autorização de funcionamento e já a 2 de maio nós já iniciávamos com a aula magna que foi proferida pelo professor Alcides Abreu. Em termos históricos gerais foi isto aí.

O ACADEMICO — Quais foram as primeiras preocupações da primeira diretoria após a criação da Faculdade de Economia?

PROF. POMPEU — A partir daí a luta foi consolar. Uma preocupação me assaltava especificamente, naquela altura já vice-diretor da Faculdade: Dotar a Faculdade de Ciências Econômicas de um espaço físico, torná-la irreversível. Este espaço físico nos obrigaria e manteria a ampliação de projeto em projeto. Chegamos a 1968 já então com mais duas Faculdades criadas: a de Direito e a de Filosofia e uma instituição coordenadora deste movimento todo, que era na época a FUB (Fundação Universitária de Blumenau) nós passamos a nos movimentar no sentido de criar condições materiais para que a sede própria passasse a existir; funcionávamos então em prédio de grupo escolar emprestado, pelo governo do Estado. E em 1968 lançamos o chamado movimento pró-sede própria e procurei engajar neste movimento "pró-sede própria" todos os clubes de serviços do Vale do Itajaí, encerrei minhas atividades profissionais e passei a me dedicar exclusivamente a venda de uma Tómbola que deveria arrecadar Cr\$ 500.000,00 (milhões de cruzeiros) — prá época muito dinheiro — um galaxie custava Cr\$ 17.000,00 e era um dos prêmios desta tómbola. Foi um sucesso absoluto, extraordinário, porque além (importante frisar este detalhe) além de trazer o recurso criou a consciência da necessidade do ensino superior no Vale do Itajaí. Isto é que foi o fundamental; nós conseguimos trazer o dinheiro e despertar o Vale do Itajaí durante os 8 meses desta campanha. Assim, aquele movimento que coroado de êxito, possibilitou a construção dos 3 primeiros blocos, A, B e C das atuais instalações da FURB. A medida possibilitou o início das aulas no campus em abril de 69, agasalhando todos os estudantes aqui. Nesta altura a Instituição já tinha crescido bastante e nós, como desbravadores, importava a abertura de cursos.

O ACADEMICO — O que aconteceu a partir de 1970?

PROF. POMPEU — Lamentavelmente a política — a partir de 1970 — (lamentavelmente na minha concepção), imposta a direção da Universidade, abandonou a concepção de Universidade voltada para o atendimento das populações menos favorecidas e partiu para a privatização, quer dizer, a nossa FURB que hoje poderia ser uma instituição, altamente beneficiada com subvenções estaduais e federais, passou a buscar no estudante, no aluno, os recursos para a sua manutenção e a cada exercício que passa, mais cresce a contribuição do município, mas em número relativos diminui; em

números absolutos é um ônus bastante grande para o município, mas diminui relativamente a participação do estudante transformando desta forma em ensino privado.

Quando falo em lamentavelmente a partir de 1970, ocorreu isto, é porque sou um adepto ferrenho do ensino gratuito. Todas as camadas sociais têm direito e o acesso ao ensino superior e não uma casta de privilegiados que podem pagar as "escorchantes" mensalidades que se estão a exigir. Assim, rapidamente até 1970, quando participei ativamente da administração da universidade, foram estes os fatos mais marcantes. A implantação da Faculdade de Economia em 1964, o movimento pró-sede própria em 1968, a transferência para este "campus", que eu considero Campus da nossa Universidade ainda que a idéia de Campus possa à alguns mais alvorçados, possa parecer necessitar de grandes extensões de prados verdes. Nós achamos que campus é a instalação onde se concentra todas as atividades da universidade. Ele pode ser um campus com relvas e gramados ou pode ser campus compacto, crescido para cima, por exemplo, na vertical, como é o caso da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul que tem uma área um pouco maior do que a nossa e que teve como solução a construção na vertical. Então campus, para mim, é o local onde a Universidade desenvolve suas atividades concentradamente. Portanto, as instalações da FURB atual é campus. É pequeno? É... Precisa outro? Precisa... Evidentemente.

O ACADEMICO — Ainda sobre o Campus, o Sr. poderia expor sua visão como professor e como político?

PROF. POMPEU — Eu acho que o Campus seria um "cavalo de batalha" político, se é que você me pergunta sobre o prisma. É realmente, podia se transformar em "cavalo de batalha" para um político; mas o que não posso me permitir é o luxo de fazer com que o "homem político" supere o professor.

Tenho dito, em não raras oportunidades e aqui não vai nenhuma alça demagógica porque atrás do homem público tem sempre um passado de realizações que comprova ou não suas afirmações. Graças a Deus eu tenho passado como professor, de forma que para mim esta condição está em primeiro lugar. Acho, como professor, que a Universidade tem um sem número de prioridades antes do Campus. Não sou contra Campus, absolutamente, se nós pudéssemos atender a todas as necessidades de equipamento, necessidades de nosso estudante, possibilidade de darmos acesso maior nº possível de estudantes, e ainda tivéssemos condições de construir um novo Campus, eu seria um entusiasta e estaria a aplaudir. Enfim, não sou contra Campus, o que eu acho é que não é oportuno nas atuais condições da Universidade. A Universidade tem espaços a ocupar sem os ônus das construções caríssimas que, certamente, envolverão o Campus; a Universidade deve, no meu entender, jogar os recursos que tenha disponível para equipar os seus recursos técnicos, para possibilitar efetivamente um ensino de melhor qualidade.

Estes dias admirei-me, numa entrevista quando recebia aqui na Universidade o senador Nelson Carneiro, ouvir do Sr. Reitor, a afirmação de que estávamos a formar topógrafos no curso de

Universidade e da Administração atual...

engenharia. Eu fiquei realmente muito impressionado com a afirmação e com a contundência da mesma. Por outro lado, fiquei muito feliz porque o catei que o senhor Reitor, ao fazer esta afirmação, consubstanciou todas as teses que venho defendendo. Precisa equipar o Curso de Engenharia, precisa melhorar a qualidade do Curso de Engenharia, precisa, enfim, equipar o curso com aquilo que é essencial ao ensino instrumental dos nossos futuros engenheiros, ora, diante deste quadro e da afirmação da mais alta autoridade educacional da FURB, o Senhor Reitor, fiquei com minhas teses revigoradas, oportunizando a defesa de outras "prioridades" antes do CAMPUS. Evidentemente que, não só na área de Engenharia como em todas as demais áreas estamos carentes de qualidade, seja pela melhoria do corpo docente, pura e simplesmente, seja, acima de tudo, pela preocupação que deve ter a administração em dotar os cursos dos requisitos mínimos ao que eu chamo de "ensino instrumental". É necessário pararmos com o ensino puramente acadêmico. Acho que temos de ter equipamento em nº suficiente para ensinar o nosso futuro profissional, de qualquer área, objetivamente, o que ele vai fazer na atividade profissional. Isto é o que chamo de ensino instrumental; é dar ferramentas necessárias a todos os cursos. E todos os cursos estão carentes disto, todos, sem exceção.

Acho que nós podemos em qualquer barracão administrar nossas aulas, mas o que é fundamental é que neste barracão existam todos os instrumentos necessários a que se forneça um bom engenheiro, um bom pesquisador, um bom planejador de economia que precisa também de equipamento, que se forme, finalmente, um profissional hábil, um profissional de sucesso. Estas são preocupações que para mim vêm antes da idéia de um Campus novo. Outros argumentos são as projeções numéricas que estão a comprovar que as teses defendidas pela administração nestes termos, são falhas. Por exemplo a projeção de 6.000 alunos em 1978, não pode ser atingida.

O ACADEMICO — Sabemos que a privatização do ensino, (de qualquer ensino) coíbe e afasta o eventual aluno dos bancos das universidades, gostaríamos que o senhor explicasse tal afastamento aqui na FURB.

PROF. POMPEU — Como eu me preocupo pela qualidade do ensino a ser ministrado, também me preocupo, em contrapartida, com as possibilidades que o estudante tem de vir a estudar e ocupar efetivamente os seus lugares nas vagas que a FURB oferece. Lamentavelmente aquela idéia de privatização que se instalou na universidade a partir de 1970, efetivamente criou esta mentalidade de privatização. O que vemos é que o estudante num super esforço consegue vencer a barreira do vestibular, consegue até o dinheiro para fazer matrícula. O parente ajuda, o irmão ajuda, e o empregador, num rasgo de humanidade paga a matrícula... O professor ajuda... Pago 5, 6, 7 matrículas por ano nesta universidade, de gente que vejo, ter condições de estudar e não tem condições de pagar. Pois muito bem, esta gente consegue ingressar e para... Pergunto porque? Porque desiste depois do super esforço que fez para entrar...

Só tenho uma resposta... É falta de recurso. Não existe outra resposta. Existem mais de 1200 pastas de estudantes que abandonaram os cursos, não trancaram matrículas... Trancamento de matrículas é mais um número elevado... Pois bem, me dêem uma explicação convincente que não seja falta de recurso para estudar... E eu abandono as minhas teses. Ninguém até agora conseguiu explicar porque eles não estão aqui. Porque eles pura e simplesmente desistiram. Tem alguém que diz assim: "diz, ah! é frustração; o curso não era aquilo que ele esperava"... Ora, tenha a "Santa paciência" isto é um sofisma paupérrimo; isto é, é tampar o sol com uma peneira...

De forma que, acima de qualquer coisa, eu acho que a Universidade de HOJE é uma instituição adulta e como instituição adulta ela deve, acima de tudo, voltar toda a sua orientação no sentido de uma consolidação efetiva e perseguir agora os aspectos qualitativos do ensino superior. Nós tivemos um primeiro estágio que foi o estágio da aventura, o estágio da implantação onde qualquer coisa valia... Tem gente que pergunta para mim: "mas você não era exatamente aquele que mais brigava pela implantação de cursos e pela ampliação da universidade? ... É verdade, agora eu tive meu período e o meu período foi o de pioneirismo — e o meu período foi o de implantação, as administrações que se sucederam deveriam ter outras preocupações...

O ACADEMICO — Que espécie de preocupações?

PROF. POMPEU — A que nos sucedeu imediatamente teve a preocupação da institucionalização, quer dizer, do reconhecimento dos cursos; a terceira só poderia ter uma preocupação: a da consolidação da universidade. Tenho dito em todas as minhas manifestações em torno da universidade, que agora é necessário consolidá-la. Aliás, da atual administração, não consigo detectar nenhum tipo de preocupação. Eu não sei se é preocupação com recursos financeiros, se é preocupação com a obra "FARAÔNICA", se há preocupação com determinadas áreas de ensino, se há preocupação com o que não sei. Eu ainda não consegui tirar desta terceira administração uma visão clara. Eu sei que a primeira tinha de implantar, tinha de jogar, tinha de aventurar, tinha de ousar e a filosofia básica tinha que ser audaciosa. A segunda tinha de se preocupar em instituir legalmente; era o reconhecimento dos cursos e eu aqui presto até a minha homenagem pelo que foi feito.

Agora, a terceira administração, que, para mim, deveria ser o da consolidação, não vejo como persegue este objetivo.

O ACADEMICO — Após todas estas conotações, o senhor teria mais alguma idéia ou colocação a fazer?

PROF. POMPEU — Eu tenho dito (em não raras oportunidades) que a Universidade é minha vida e eu em termos de Universidade não transijo... Nas minhas concepções e nas minhas verdades a respeito da Universidade. A FURB dediquei os anos mais preciosos da vida de qualquer profissional; A oposição que faço, as divergências que tenho com a atual administração da Universidade, tem sempre uma única intenção: a de melhorar efetivamente esta administração e a de, através da crítica, às vezes contundente, porque é necessário, fazer com que os nossos homens responsáveis pe-

los destinos da Universidade, PENSEM MAIS, AJAM MAIS, MELHOREM A SUA EFICIÊNCIA ADMINISTRATIVA. Acredito por ser um homem de profunda crença democrática, acredito nas lideranças democráticas, e acima de tudo, acredito na capacidade criadora da crítica, porque este é o fundamento da democracia, sem ela não poderia, nos de forma alguma aperfeiçoar "sistemas", métodos, atuações. Toda a atividade tem que estar sob, rigorosa fiscalização, infeliz é o administrador que não reconhece na crítica o veículo para o seu próprio aperfeiçoamento. As nossas intenções ao fazer críticas, ao apontar problemas, ao exigir respostas da nossa Universidade tem esta finalidade; de aprimorá-la, de transformá-la efetivamente numa Instituição merecedora de todo apoio, seja comunitário, seja governamental; numa Instituição que se imponha no consenso catarinense como uma Instituição séria, válida, responsável e acima de tudo, eficiente. Por eficiência eu considero uma Instituição que possa formar profissionais eficientes porque esta é a nossa finalidade. Não tenho nenhuma preocupação de desmoralizar os administradores, ao contrário, encontrarão sempre o aplauso quando as atitudes forem julgadas corretas e estiverem concetâneas com os reais destinos da Instituição. Acho que como um dos professores que a fundou, e que aqui está, devo continuar sempre responsável pela melhoria e pela eficiência da Instituição.

O ACADEMICO — Esta crítica verbal que o senhor faz constantemente em seus pronunciamentos sobre a Universidade, não encontra, por acaso, explicação no fato de NÃO poder estar na frente da administração atual?

PROF. POMPEU — Não nos move nenhum tipo de oposição sistemática, nem de crítica que possa parecer aos menos avisados e aos pobres de espírito, como destrutiva, pelo fato de não estar a frente da administração. A mim, como democrata, sempre valeu, mais do que a nomeação, do que a assinatura, do que a caneta, O VOTO que é o representativo das vontades e, isto eu tenho obtido sempre. De forma que, a mim não move nenhuma intenção do tipo revanchista, ao contrário, gostaria de auxiliar muito a atual administração para que ela possa realmente chegar aos seus destinos e para que ela possa fazer de nossa Universidade a GRANDE INSTITUIÇÃO QUE TODOS DESEJAMOS.

As perguntas que elaboramos foram (algumas delas), motivadas no momento, porém, atingimos nosso objetivo: o de esclarecer aos mais novos, o que aconteceu desde a fundação da Universidade e como aconteceu. As opiniões divergem muito, mas os fatos não. Talvez, muitos colegas desejassem, em nosso lugar, formular outras perguntas buscando uma resposta ambígua e comprometedora... Não objetivamos envolver ninguém, nem tampouco promover... Apenas esclarecer e fazer alguma coisa construtiva, além de tudo que já idealizamos com sucesso e com eventuais "fracassos"... Mas, as noções estranhas são oriundas de pessoas estranhas e tudo é possível, até que se prove o contrário.

A REDAÇÃO.

COMENTÁRIO DA CAPA

Edgar Allan Poe foi um homem estranho e misterioso, talvez o mais misterioso de seus personagens, pois todos os seus personagens (homens e mulheres) eram ele mesmo: os homens com a sua força de pensamento, a sua potência inquisidora sobre os mistérios da natureza e da alma, seu espírito forte e às vezes sobrenatural; e as mulheres com sua estranha e irresistível melancolia, belas de corpo e alma, leves, fluidas, como se fossem entidades celestes (mas sempre a mercê de um destino implacável).

Sua inteligência extraordinária o levou a criar os maiores enredos de mistérios que a literatura registra. Foi o introdutor do romance policial tipo detetive na literatura norte-americana, e mesmo mundial, com a história "Os Crimes da Rua Morgue". E nas suas histórias de terror e amor, nos seus contos de mistérios e de morte. Poe antecipou-se à sua época, ao vislumbrar (e sofrer ele próprio, — talvez o protótipo?) os sintomas do moderno homem neurótico.

De compleição fraca e delicada, a sua força residia em sua extraordinária inteligência, como provam os seus escritos — talvez ele tenha sido, mesmo, mais cientista que poeta. Suas histórias misteriosas (com esquema definido — começo, meio e fim, com a solução do mistério) atestam esta afirmativa. Sua imaginação criadora não tinha limites.

Na poesia, deixou ele uma das maiores obras de arte escritas até hoje: o poema "O Corvo", sobre o qual escreveu o seu grande admirador, Charles Baudelaire: "é uma maravilha. O assunto é quase nada, e é uma pura obra de arte. O tom é grave e quase sobrenatural, como os pensamentos da insônia; os versos caem um a um, como lágrimas monótonas".

(José Roberto Rodrigues)

PÃO DOS PÁSSAROS

(Roberto Diniz Saut)

Era dia claro em após chuva. Choveu à toa na terra molhada de ontem. De certo que foi que as nuvens resolveram dar seu último vômito. As plantas ainda se abriram no gozo da água. Os animais no depois de abrigo murgiram pro pasto em sol. Vida, tudo vivia! Até os pássaros pulavam. E a época nem flores em promessa de fruto tinha. O jeito deles pássaros, uns pretos, outros vermelhos, era catar insetos no voo certo. Num dos vãos junto ao pé de limão plantado no terreiro de moradia, o mais moço dos voadores deu com bico num pedaço de pão. "Pão! Que é isso?" Bicou, prendeu o pedaço e conquistou o galho do limoeiro. "Novidade, é gostoso!". Na pressa berrou a surpresa pra turma dos pega-coisa-pra-comer que fome não espera. Veio toda a passarada. "Onde? Ali...".

O velho homem, dono da terra, sabedor e de gosto no ver aves debulhou pão no gramado. Um, mais um e muitos. Um carnal de pão, uma orgia de famintos bicudos nos pequenos gritos desconfiados mas corajosos.

De repente um tiro!

Em seco!

Tombou o primeiro pássaro. E nada restou senão junto à vida do instante um corpo negro abatido em penas encolhidas. "Da vida teve a morte". "Procurou na ilusão da fome o encontro com o inerte sentido do parado".

Tudo silenciou. O velho fixou a morte. O tiro ecoou longe. Os pássaros se foram. O guri riu da pontaria. O pão sobrou. O limoeiro era vazio. O novato da arma deu olhos no velho. O velho viu o guri. O guri ficou olhando o velho sem mais conclusões, rindo e olhando.

No de repente de assim os dois darem de se ver, ouviram e viram uma negridão de nuvem no se aproximar. Eram asas. Eram pássaros. O sol se botou no escuro. As fábricas pararam. As plantas secaram. O velho fixou no guri sua decisão. Tomou sua arma. Apontou para o seu peito pequeno. O velho estava no sem rir, duro na face. Puxou o tiro. O guri deu tombo de sangue no peito. Dois corpos se tocaram no amarelo do gramado, ainda que o pássaro já frio rolou um pouco pelo toque da queda de seu assassino. No assim de o velho proceder, pousaram os viventes pássaros. Rodaram o menino, rodaram seu irmão e cantaram a sinfonia do infinito. O velho teve na visão do canto o sentido da essência animal e também cantou. O guri no olho aberto parecia ver o momento...

No sol e na lua que passaram os dias e noites apodreceram o corpo do guri, na presença dos pássaros pousados.

No décimo terceiro dia cessou o canto e o pássaro preto teve vida e pôde voar. A natureza não se esverdear sepultou na sepultura do nu real o matador do pássaro. O velho viu no infinito a nuvem negra se avermelhar.

E o sol tornou seu brilho mais forte.

Velhice:

"VERDADE DURA, MAS QUE NÃO DEIXAVA DE FAZER BEM REPETIR, MESMO PORQUE NELA SE ESCONDE ALGUMA ESPERANÇA"

Neste instante, em todos os lugares, dentro de seus quartos, nas ruas ou nos parques, milhões de seres humanos estão se sentindo desesperadamente sós, estranhos a tudo e a todos. E, acima de tudo, não são mais amados. São os velhos. Suas pálpebras não obedecem mais e cobrem metade de seus olhos já quase opacos. Em muitos, a mente ainda é lúcida, os pensamentos organizados. Suas recordações, porém, não passam do tempo em que, amados e amantes, cheios de paixões e ideais, fluíam de encontro a vida como a água que corresse de um veio natural. Eram jovens.

Mas esta não é a história de jovens, mas sim, o drama de um dentre os milhares de velhinhos que, internado por seus filhos num recolhimento para velhos, vive pacientemente sua morte.

Seu nome é Enéias. Idade: oitenta anos. Sua brancura flácida, o prumo desgovernado, o desamparo senil já não incomodam a enfermeira que, com grande esforço coloca-o no banquinho debaixo do chuveiro.

Nu, no meio do banheiro frio, Enéias não sente mais a vergonha que sentia no começo. Ele apenas sorri. A enfermeira esfrega-o com vontade.

Exausta, empurra aquele corpo de pelos brancos e totalmente ensaboado para debaixo da ducha. Ali, mantém-no unicamente o tempo necessário, leva-o para a cadeira, senta-o e começa a enxugá-lo.

A seguir, cobre seu corpo de talco; por entre as pernas, nos pés, por todo lado. E Enéias continua sorrindo. Sorri, porque hoje é domingo, dia da visita de seus filhos, que virão buscá-lo para almoçar em casa. É um acontecimento que se repete um domingo em cada mês.

Arrastando as pernas, agarrado ao corrimão, agora já inteiramente vestido e cheirando bem, Enéias começa a descer a escada, em direção à sala de espera. Seu humor está ótimo, com certeza pensando nos filhos que não tardarão a aparecer.

Mas o tempo passa e nem sinal da buzina do Dodge de seus filhos. Nervoso, vai até a varanda, para diante da janela e fica olhando os carros que passam. Na sala, o relógio acaba de soar onze vezes. Porém, sua vista logo se cansa; e Enéias volta a sentar-se na poltrona, fixando agora somente o corredor, procurando perceber alguém entrando pelo mesmo.

E não ouve o telefone que toca no hall. Nele, uma voz suave e despréocupada diz simplesmente: "Avisem a nosso pai que não podemos buscá-lo hoje. Temos convidados para o almoço".

Num quarto ao lado, outra enfermeira acaba de vestir o corpo já sem vida de um velhinho. Seus olhos, quase cegos, não mais se abriram neste dia. No seu rosto paira, agora, apenas, um sorriso meio alucinado.

(Fred Richter)

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21 HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E
TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS

E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina



A Associação Catarinense de Escritores (A.C.E.) existe?... se existe é muito triste... se não "existe", porque me não avisaram

(POR OLDEMAR OLSEN JR.)
TESOUREIRO DA ACE

A ACE nasceu de uma "crise de bom senso" para fazer frente as "Academias", tentando valorizar novos autores (não editar livros)... A verdade é que os novos estão lá para prestigiarem os que não estão na Academia Catarinense de Letras, por conseguinte, existem três classes dentro de uma mesma classe. Existem os Acadêmicos; os preocupados em entrarem na Academia e os outros, preocupados em estarem preocupados.

Bem, é uma Instituição falida na base. Se não existe um objetivo concreto de se dar apoio aos mais novos, então porque fazer os saudosos encontros onde os "figurões" chegam sempre atrasados e os menos experientes ficam atônitos ouvindo aqueles mesmos vocábulos vetustos e ensebados de "vendedores de argumentos"; que apresentam soluções, apenas para os problemas deles próprios.

Não!, alguma coisa não está certa nestas pretensões; deveríamos fazer uma pesquisa de opiniões entre os atuais integrantes da ACE e conhecer os verdadeiros motivos que eles consideraram para ingressarem-se nesta Associação e excluir certos elementos que não assumem o "status" de viver em uma "coletividade de intelectuais" (não uso o substantivo coletivo de intelectuais, porque está muito obsoleto); se é que dá estatus pertencer à uma entidade fantasma, cuja silhueta sobrevive elusoriamente nas mentes egocêntricas de alguns paranóicos incompreendidos.

Para se ter uma vaga idéia dos fragmentos das letras catarinenses (entre as poucas que eu conheço, estão as letras de câmbio)... isto sim é surrealismo... Vou mostrar um poema:

T
TE
TER
TERR
TERRO
TERROR
TERRORA...

Poxa! isto é neo-concretismo, um movimento que nasceu morto por volta de 1936 e estão tentando ressuscitá-lo... Talvez, pretendam dar vida à um novo FRANKSTEIN, este será Camoniano, e não terá parafusos para ligar as cartilagens mas, falará pelos cotovelos e a autora MARY SHELLÉY, será, finalmente, substituída por "poetas" medíocres... Que, se isto aí é poesia... Então, qualquer analfabeto é poeta, (ah! você é que não tem senso de humor)... Aliás, em protesto, nem vou publicar mais poemas, vou ficar em recesso até fenecer um pouco este impasse de neo-concretismo: eles não sabem se continuam soletrando o B—A—BA ou aprendem a escrever definitivamente...

Não é possível falar em crise na poesia catarinense: a poesia catarinense nunca esteve em crise; crise existe, sim, mas com os poetas e com o povo. O povo está cansado de ouvir (as pessoas conscientes) falar de flores, crianças, lua, etc... Isto era para adolescentes... Necessitamos de verdades, realidades... Fala-se pois, de fome, guerras, analfabetismo, injustiças, discriminação racial... As favas com o dito "ENTOURAGE"...

Truncar palavras e deixá-las destituídas de um sentido emocional, é válido; se se quiser cognominar de poesia, certo... Mas me não venham afirmar que os poetas são incompreendidos e que, quem não achar sensacional estes cacoetes literários, não é artista, etc...

Admito que seja particular e, muito individualista, dizer que a letra C é uma poesia. Além da coragem estupidamente exposta, é necessário uma personalidade muito forte para sustentar os olha-

res significativos e desdenhosos dos prestigiadores de coquetéis nas galerias de arte e outras baboseiras promocionais.

O mau artista deve ser boicotado, não pelos hipócritas, mas pelo povo... Gastar dinheiro com telas, encher um quadro de cores, meia luas, traços perdidos e assinar, finalmente, no canto direito, ironicamente simbolizando que o quadro deve ficar naquela posição, isto nunca foi arte... E a bem da verdade... Me chamem de imbecil, mas com o meu parco QI—185, ainda me não emocionio com um punhado de cores estrategicamente espalhadas, tentando bloquear meus sensores visuais.

Com letras e com artes... Cambistas e arteiros... Muitos estão sendo levados pelas falsas promoções... Deve haver uma forma de se valorizar os verdadeiros artistas, tanto das letras como das artes... Não apoiem os palhaços, não ridicularizem aqueles incompreendidos, mesmo porque, qualquer tolice incompreendida, mereça um aplauso... Existem muitas formas de aplauso... Uma delas é se abster de comentários...

— APLAUDAM POIS ! —

DIVULGUE

Intercâmbio cultural com a Alemanha

Objetivando proporcionar maior intercâmbio entre Brasil e Alemanha o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico está oferecendo um bom número de bolsas de estudos de aperfeiçoamento naquele país

BLUMENAU — Com o objetivo de proporcionar um melhor intercâmbio entre Brasil e Alemanha o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico está oferecendo um bom número de bolsas de estudos a jovens que pretendem aperfeiçoar-se em Universidades, Escolas Superiores ou Escolas de Artes e Música da Alemanha.

Para se obter estas bolsas é indispensável que o candidato tenha concluído um curso universitário e que em seu país de origem, tenham se esgotado as possibilidades de um melhor aperfeiçoamento. As bolsas serão concedidas à pessoas que já concluíram algum curso de pós-Graduação. As bolsas abrangem um período que vai de 1º de Outubro de 1977 a Setembro de 1978, sendo permitida a prorrogação no prazo, principalmente a bolsistas que já tenham diploma de mestre.

Havendo necessidade do candidato submeter-se a um curso intensivo de alemão, este será ministrado antes do início da bolsa, com quatro ou seis meses de antecedência. As bolsas em passagem de ida e volta com ajudas adicionais.

Os interessados poderão inscrever-se até o dia 30 de Maio no Consulado Geral da República Federal da Alemanha em Curitiba, na Avenida João Gualberto, 1237.

KOISCE'S

(Tito Vile)

A SOLUÇÃO DO ANO:

Achei excelente a solução tomada no caso dos alunos da Engenharia com horários coincidentes em algumas cadeiras.

A solução foi a seguinte: o aluno só receberia os créditos, se tivesse 50% de frequência nessas cadeiras.

Isto é o mesmo que pegar o aluno, tirar-lhe as calças, sentá-lo no formigueiro e fazê-lo assoviar o hino nacional de trás para frente.

Além disso a lista dos alunos com coincidências, só saiu após o pagamento da 3a. e última prestação do carnet (com 5% a mais do que o aumento estipulado pelo governo).

Nem vamos considerar aqui, as mudanças ocorridas nos horários durante o semestre, vindo então a provocar coincidências, que foi o caso de muitos. E quantos deles já haviam passado com média nessas cadeiras?

Você sabia que na UFRGS (Porto Alegre) o aluno tem direito, eu disse DIREITO, a 25% ou mais de coincidências? E o caso dos que têm mais, é estudado parti-

cularmente pelo diretor, ou sei lá quem...

Mas aqui é diferente. Aqui não se mede a capacidade e aproveitamento do aluno pelas suas notas; e sim pela consistência e resistência do seu trazeiro, que deve aguentar 50% do total de achatamento.

E isso aí meus amigos. Aluno só serve para levar...; e recados também. Mas eu confio em Deus, no Ministro...

"MURRAL"

Quando é que o pessoal do departamento de ensino vai se mancar e ver que o mural de exposição das notas está uma banguça.

Ninguém acha as notas de ninguém. E porque as notas dos alunos da Engenharia não estão (ou melhor, nunca estiveram) no mural da Engenharia? Se lá estivessem, sobriaria mais espaço.

"Vamos se coçar pessoal?" Faz bem, subir e descer escadas. Ajuda a combater essa celulite.

PERDONE

"O motivo pelo qual não escrevi a coluna do número anterior, foi minha viagem aos Estados Unidos. O presidente Gerald Ford solicitara minha presença na casa branca. Ao me receber, perguntou:

— "Tem vaga para presidente na FURB?"

— "Não. Por que?" respondi.

— "Vou renunciar. Meu futuro é incerto aqui".

(TITO VILE)

PENSAMENTO

"Cachorro que late, late, late até morrer".

SERÃO ABERTAS EM JULHO AS MATRÍCULAS PARA OBTENÇÃO DO CRÉDITO EDUCATIVO

Os estudantes interessados no Programa do Crédito Educativo, a partir do próximo mês poderão inscrever-se, candidatando-se à obtenção do crédito, junto às instituições bancárias autorizadas, representantes do MEC ou Caixa Econômica Federal.

O prazo total do empréstimo é dividido em três partes: 1) período de utilização, ou seja, aquele em que o estudante estará recebendo os recursos, equivalente à duração média do curso, podendo ser admitida uma tolerância de até um ano; 2) período de carência, estabelecido com a finalidade de permitir ao estudante conseguir emprego antes de iniciar a amortização, fixado em um ano contado a partir do término do curso, e 3) período de amortização, com duração igual ao período de utilização.

PRESTAÇÃO MENOR

Os juros cobrados são de quinze por cento ao ano, nominais e inferiores, portanto, às taxas de desvalorização monetária atuais, capitalizados semestralmente durante os períodos de utilização e carência, findos os quais, sobre o saldo devedor, serão calculados pelo Sistema Price prestações amortizantes mensais e iguais.

Em qualquer economia, ocorrendo uma inflação cuja taxa de remuneração de um financiamento obtido, necessariamente acontecerá que, quando o tomador do dinheiro processar a amortização, estará pagando, em termos reais, menos do que recebeu, e mais, pagará tanto menos quanto maiores forem o prazo do financiamento e a diferença entre as taxas de desvalorização monetária e de remuneração do financiamento.

Após a formatura, e decorrido um ano de carência, o universitário vai pagar em termos reais, ou seja, a preços de hoje, valores inferiores ao que recebeu quando estudante.

Uma vez que o número de prestações mensais amortizantes é igual ao número de parcelas mensais recebidas pelo universitário (o período de amortização é igual ao período de utilização), é claro que, em termos reais, o total amortizado será inferior ao montante recebido, tendo em vista, a preços de hoje, que o valor das prestações será menor que o das parcelas mensais recebidas como empréstimo.

EXEMPLO

Para esclarecer a matéria, os promotores do programa dão, como exemplo, o caso de um universitário que utilizou o empréstimo manutenção durante três anos e terá recebido, ao final Cr\$ 18.000,00. Seu saldo devedor, a ser amortizado, após a carência, será de Cr\$ 26.212,00. O valor da sua prestação mensal, calculada através da Tabela Price, com 15% de juros ao ano, será de Cr\$ 909,00. O universitário beneficiado, no entanto, só pagará a primeira prestação 4 anos após a assinatura do contrato (somando-se o ano de carência). Levando-se em conta uma desvalorização monetária de 20% ao ano, em termos reais, essa primeira prestação será de Cr\$ 438,00. Se a desvalorização crescer para 25% ao ano, ela será de Cr\$ 372,00, a preços de hoje.

APAG
segurança na
prevenção
de
INCÊNDIOS

**PROJETOS P/ COLOCAÇÃO
DE EXTINTORES HIDRANTES
VENDAS RECARGAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA**



PROBST

O Encontro, Diálogo, Debate

O Diálogo — debate com João Antônio e Ignácio de Loyola Brandão ambos escritores, foi palpável em termos de concepção dinâmica da arte literária. Palpável é um "térmo", uma palavra pobre. Dois escritores de posicionamentos pessoais (fácilmente identificados) como opostos, permitindo-nos receber valiosas contribuições em conceitos, idéias e posicionamentos, "isto é ótimo".

A curta vivência foi marcada por narrações minuciosas do "ser escritor", do livro, — "filho amado do escritor", suas fases de incubação, em que todo fragmento é importante. Nascimento em que o livro-bebê está pronto mas só subsistirá se todo cuidado, carinho e valor lhe for dado.

JOÃO ANTONIO E LOYOLA nos permitiram uma compreensão da literatura atual através de explanações ativas, enérgicas transmitidas com jeito e habilidade. Uma concepção tangível, evidente e sensível do trio: livro, escritor e leitor.

Concretamente, o escritor busca, pesquisa, recolhe fragmentos diários constituído de fatos, frases, papéis (notas fiscais, maços de cigarro, invólucros, endereços, etc.). De posse de todo este material — que não é pouco — que representa a vida de um ser humano entre uma multidão onde ele "não é mais um" mas simplesmente um entre o povo, o escritor que é também jornalista, publicitário, redator datilógrafo ou outras coisas) vai passando para o papel as imagens concretas, abstratas, materiais, objetivas, subjetivas, ilusórias, realistas, românticas, frias, boas, más e todas as que possamos conceituar.

O escritor não pretende encaixar-se, "em ISMOS". Sua preocupação é com "temas", "mensagens realísticas". Ele escreve simplesmente, e quando escreve não está tentando enquadrar-se em: Modernismos, Neo-Modernismos, Romantismos, etc. JOÃO ANTONIO e LOYOLA deixaram bem clara a idéia de que o escritor preocupa-se com o livro e não com a Escola Literária na qual será encaixado; ao que concordamos, damos validade e louvor.

LIVRO PRONTO — original na mão, inicia a peregrinação pelas editoras. Essa "peregrinação" para que se tenha uma idéia concreta, é igual a dos professores em escolha de vagas. A espera angustiante, os resultados muitas vezes frustrantes, e o peregrino chega a ter a impressão de não estar contribuindo socialmente com seus trabalhos e sim pedindo esmola.

Chega finalmente o grande dia. "O livro é aceito". As tiragens para o livro (parece-me) "máximo três mil exemplares". Pouca divulgação, e, na maioria das livrarias: não sabem que o livro existe, jamais ouviram falar do ESCRITOR e mil outros etceteras. É inconcebível em termos de Brasil que se conheça mais escritores estrangeiros que nacionais. Mas... é um fato concreto. E o livro não sai. E o escritor não possui garantias. E o livro não aparece. E o escritor não fica conhecido. E o livro não contribui socialmente, por falta de conhecimento de sua existência por parte do leitor.

No Modernismo e Neo-Modernismo a característica marcante em artes: literária, plástica e poética — é a Liberdade. Outra forma de expressão do escritor seria o Conto. Contos Urbanos, psicológicos, sociais — Seus temas são Universais e Típicos, vindos de realismo e verdade. Os estilos de Crônicas ou Reportagens.

JOÃO ANTONIO vale-se da própria linguagem do personagem — linguagem específica, mas ligada a sintaxe da linguagem geral — em suas obras.

LOYOLA, em seus livros revela deficiência gramatical, justificada por ele mesmo — o escritor escreve o livro que passa por uma revisão e só então é editado. Na revisão podem passar erros gramaticais — concordância, etc.

(MARILÚ RIBAS)

TOPOGRAFIA — PAVIMENTAÇÃO

Hayashi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, s/n. — Cx. Postal, 703 — Fone, 22-0635

BLUMENAU — SANTA CATARINA

PROCESSAMENTO DE DADOS:

"O curso caçula da FURB"

Implantado em março de 1975, com 40 alunos, tendo como coordenador Luiz Carlos Duclós, este curso, também conhecido como Projeto 15, é originário do ex-Projeto 19.

Em seu primeiro ano foram perfurados um total de 1454 programas, na perfuradora adquirida no início do curso. O mesmo mantém convênios com a UFSC, Artex, Cefil e Cia. Hering, para a utilização de seus computadores.

No II° semestre, representantes do DAU estiveram aqui visitando as atividades e performance do curso. Convém salientar que os mesmos saíram bem impressionados, fato que contentou a direção do curso, como também consolidou ainda mais, o seu funcionamento, dentre os demais cursos já existentes na FURB.

Em fins deste mesmo semestre, ou mais precisamente, em novembro, um grupo de alunos, juntamente com seu coordenador, participaram da Va. SECOMU em Campinas, patrocinado pela UNI. CAMP, CAPRE, MEC e CNPQ.

Já em Dezembro, mas desta vez na UFRGS, 3 alunos e num período de 20 dias, ali fizeram estágio na qualificação de programação para o B-6700, sob o patrocínio do NAT (Núcleo de Assistência Técnica).

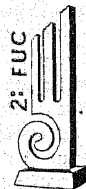
No mesmo ano foram igualmente ministrados cursos (como o de RPG-II para o /3 da IBM) e várias palestras sobre sistemas operacionais, atividades que demonstram, sem dúvida, interesse para com os alunos deste curso.

E em 1976, estas preocupações continuam. Logo em março, mais estudantes puderam fazer estágio na UFRGS. Nesta ocasião o tema abordado visava sobre Análise e Projetos de Sistemas.

O curso conta atualmente com 80 alunos, sendo que no mês de abril deste ano, foi adquirido um Computador UNIVAC-9300, que pertencia à Rede Bamerindus. Necessitando de uma certa fase de implantação, deverá, no entanto, iniciar suas atividades no dia 6 de julho.

Este Computador, aliás imprescindível para um curso como o de Processamento de Dados, deverá ser o último item para que o mesmo seja reconhecido.

FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO VERSÃO 1976



Informações sobre o regulamento —
Premiação, etc. — Escrevam para o
jornal "O ACADEMICO" — Caixa
Postal, 1124 — Blumenau. — Santa
Catarina — 89.100.

Inscrições até o dia 8 de agosto.

BLU "Som Caliente"

Cogumelo Atômico

Um jornal para
RAROS

Caixa Postal 179
88.350 — BRUSQUE — SANTA CATARINA

CONHEÇA: A GARDEN AMARELA

Enquanto os turistas desfilam a descontração do seu jeans em rastro de muito dólar; enquanto os espigões afundam a Beira-Rio; enquanto a rua São Paulo é inundada pelas trombas e trombinhas dos verões; tudo bem na Garden tradicional.

Pobre Garden. Tão ilusória quanto a sua falsa descontração e tão preconceituosa e desastrosa quanto a sua orientação.

Qual será a amnésia que está contagiando a gente da bela Garden?

É óbvio e todos aceitamos como natural a existência de "fatalidades". Por exemplo, é fatal que hajam guerras e que homens se mutilem e se vendam a causa de outros. É fatal que hajam desigualdades nas sociedades e que os mais capazes ou espertos e rápidos se beneficiem da incapacidade ou morosidade de outros. É fatal também que a proporção de sofrimento não possa ser nunca menor do que tem sido sempre e que em pleno século XX, sob o império da eletrônica e do automatismo, crianças venham a falecer subnutridas ou por não haverem conseguido um lugar mais "à frente" nas filas do INPS...

Os índios norte-americanos, antes de derrubar uma árvore, pediam perdão e faziam uma oração. Os druidas, povo da antiguidade, viam nas parasitas que cresciam junto aos troncos a manifestação de Deus.

"O homem habita dois mundos. Um é o mundo natural das plantas e dos animais, dos solos, do ar e das águas, que o precedeu por bilhões de anos e do qual ele é uma parte. O outro é o mundo das instituições sociais e dos artefatos que constrói para si mesmo, usando suas ferramentas e engenhos, sua ciência e seus sonhos para amoldar um ambiente obediente a seus objetivos e direções humanas. (René Dubos e Bárbara Ward - Uma Terra Somentente)".

De maneira diversa, o meio ambiente e as manifestações externas (do homem) que de alguma forma interferiam na sua sequência ou evolução natural, sempre causaram preocupação. Uma preocupação subjetiva em alguém desconhecido ou algum grupo despercebido. Isso, em todas as partes do mundo a algum tempo, inclusive séculos. Mas, somente agora no século XX, as pessoas das mais diferentes classes e "raças" sociais, as nações de um modo geral, acordaram para esse problema. Esse agora novo problema aliás: a degradação do meio ambiente. Uma terminologia sofisticada, comumente usada nos livros tratados e aulas de ecologia; e que para as gentes mais simples, significam aquele conjunto de coisas que surpreendem ao olhar e interferem no andamento normal do cotidiano da vida e que todos sacam como poluição. O cheiro fétido dos esgotos atulhados de detritos... os peixes mortos nas beiradas dos rios entre espumas coloridas e coloridos desenhos traçados de diferentes tintas e plasticidas... os lagos estéreis à fauna e flora... um mau dia de trabalho pelo "ardume" dos olhos ou as tosse inintermináveis... a poeira e as partículas que saturam o ar e "carregam" o todo dia... enfim, estes são problemas. Todos estão sendo obrigados a suportar e a sofrer as causas e as consequências de uma série de erros e negligências que completam seu ciclo com a sempre origem em todos.

O planeta Terra em si, não pode mais desenvolver-se; somente seus viventes terráquios. E esses agora de repente, começaram a descobrir e a se conscientizar que a capacidade do seu ar e das suas águas não são tão ilimitados assim. Que a racionalidade rotulada não melhora e nem aperfeiçoa os sistemas de escoamento que canalizam e eliminam essa inundação imunda de materiais insensíveis e contaminados que a população alienada compra, consome e joga fora.

Admitir a existência de uma força existente e sentir medo e incapacidade para contra ela lutar, vá-lá. Mas orgulhar-se dos empilhamentos de arame e concreto desordenados, dos palácios e vapores; uma rede de esgotos (esgotos?) formada de canaliculos; uma rodoviária em franca competição com covis do submundo ("..."). Sim, dramaticidade incômoda para ser lembrada e muito menos comentada — para os demagogos.

O que nos caracteriza aqui nessa região de Santa Catarina, é o fato de sermos loiros, rosados, trabalhadores saudáveis, amantes do verde e do folclore. É essa a imagem que vendemos sob a etiqueta de bons velhinhos bebedores de chopp ou belas garotas em veludos e rendas bordadas.

Mas se os acontecimentos continuarem o curso irresponsável e inconsequente de agora, não demorará muito e não passaremos de uma projeção; mais um satélite criado. Apelar? ESTAMOS MA-

TANDO A NOSSA ECOLOGIA; ESTAMOS ENFRAQUECENDO O NOSSO EQUILIBRIO ECOLÓGICO. ("É um fato sabido que sem oxigênio não há vida. Três quartas partes do oxigênio essencial da atmosfera são recicladas através das plantas, proporcionando ar respirável para todas as criaturas do planeta. Um quarto do oxigênio é produzido pelo fitoplantão microscópico, que repousa nos mares, precisamente no ponto onde se tocam o ar e a água. Deve-se lembrar também que todos os seres vivos têm de se adaptar ao meio que os circunda, para poderem sobreviver e reproduzir. Existe uma seleção natural que constitui o mecanismo fundamental desta adaptação. Há ainda o que se denomina uma cadeia alimentar. Na base encontram-se as plantas que utilizam os minerais do solo e a energia da luz do sol para produzirem seus próprios tecidos. Depois vêm os animais herbívoros, que se alimentam das plantas. A seguir, os animais carnívoros, menos numerosos que os herbívoros. Finalmente, o homem que e o caçador (ou predador) mais bem sucedido de todos"). Não entenderam? Então numa linguagem entendível à gardenanos. O que lhes garante os tão vantajosos comércios, bases do seu "progresso", além das toalhas, cristais e gaitas, são os turistas. Aqueles pobres poluídos cuja maior delícia é a de abrir uma janela do hotel e inflar-se e deliciar-se com o ar advindo da bela paisagem; os morros verdejantes que nos cercam (já que o rio não é mais aquelas coisas).

Mas o verde dos morros está se extinguindo e os gardenanos nada fazem para defendê-lo. As autoridades permanecem na letargia, soprando somente seus apitos contra os engarrafamentos. Ninguém diz nada e os que olham somente conseguem avaliar os milhões postos nos empilhamentos de tijolos. No centro da nossa bela Garden o verde está sendo substituído por "conjuntos residenciais". Nos bairros, por agrupamentos pré-favelas, com casas que a cada dia menos se assemelham a casas e que a cada enclurrada são literalmente lavadas por lama e lodo. Em boa hora, as enchentes são desculpa para esse "subimento" desordenado e predatório?

O que realmente ainda é um fato, é o de estarmos vivendo no Verde Vale do Itajaí. O somente termos aulas teóricas de Ecologia na faculdade não ajuda e nem resolve nada porque a consciência de 90% dos alunos ainda é "viseirada" para as notas. O somente a televisão mostrar que em São Paulo se usa máscaras nas ruas, também não resolve nada, pois a fantasia do povaréu se concentra e na forma curiosa do acessório. O que está precisando acontecer é um despertar. E esse deve partir do alto. Da cúpula. Da supremacia do poder da cidade ou do estado.

Está na hora de se propor e de se praticar algum plano de conscientização coletiva, de responsabilidade coletiva. Porque não estudarem o plano de uma cota altimétrica para a construção nos morros? Porque os políticos e os politiquieiros, não deixam de lambem os buracos das ruas dos interiores em badaladas manjadas e massacradas, e fazem uma campanha baseada em problemas sérios. Como a degradação do verde do Vale do Itajaí.

Enquanto os turistas desfilam a descontração do seu jeans em rastro de muito dólar; enquanto os espigões afundam a Beira-Rio; enquanto a rua São Paulo é inundada pelas trombas e trombinhas dos verões; tudo bem na Garden tradicional. A propósito, é lindo dizer que é linda a nossa cidade. Mas será linda essa progressiva educação para a resignação que estamos impondo para tão lindos habitantes?

(MARIA ODETE ONÓRIO OLSEN)

CASA DOS PRESENTES

ARTUR HOCHHEIM & CIA. LTDA.

MATERIAL ESCOLAR E PARA ESCRITÓRIO
— LIVROS — CRISTAIS — ARTIGOS
PARA PRESENTES

Av. Getúlio Vargas, 91 — R. Wilhelm Butzke

T I M B Ó

— STA. CATARINA